

# O Museu de Bagdade

## Destruição e pilhagem A história repete-se

---

*Será que a preocupação  
não era apenas  
a deposição do presidente  
e do seu partido,  
mas também o desejo  
de empobrecer  
a sua história  
de tão grande valor,  
temporal assim como  
material?*

**Maria de Deus  
Beites Manso**  
*Universidade de Évora  
Departamento de História*

---

Independentemente do valor artístico ou material atribuído ao espólio de cada museu, ele representa um outro significado: a cultura e memória de um povo que faz parte da História da Humanidade. Por isso, pilhar ou destruir peças de qualquer museu do Mundo, significa privar a humanidade de contemplar esse legado na sua plena acepção, representando tanto desprezo pelo passado, como pela civilização humana.

Infelizmente, a História de Portugal conta também com situações desta natureza; basta para isso lembrar o saque feito durante as invasões francesas, facto este que contribuiu para que muito do nosso património histórico se encontre espalhado por museus, bibliotecas e colecções particulares estrangeiras. Também as situações ocorridas aquando da Revolução Liberal, sobretudo no património religioso, causaram perdas incalculáveis e, na actualidade, muitas das instituições religiosas, com ou sem culto, encontram-se à mercê de “mercenários” que, por falta de segurança nos edifícios, ou valendo-se da ignorância dos encarregados da conservação e defesa desses objectos de adoração, contribuem para que muitas peças saiam do País ou vão parar a mãos particulares.

Também os conflitos bélicos de dimensão geográfica e militar mais abrangente têm sido testemunho da situação acima referida. Basta para isso lembrar, a título de exemplo, o caso da Alemanha que, durante a última guerra mundial, não só causou elevadas perdas hu-

manas como saqueou muito do espólio dos países ocupados pelas forças invasoras. Contudo, a História parece que nada transmitiu neste sentido ao dito mundo civilizado, quer do lado europeu, quer do lado norte-americano. Se ainda hoje ensinamos a esta geração que a história não só estuda o passado como ajuda a preparar o futuro – evitando assim que erros idênticos aos do passado, próximo ou longínquo, sejam repetidos –, parece que no caso do último conflito bélico tais ensinamentos não foram tidos em conta. Independentemente das razões subjacentes à II Guerra do Golfo, cuja principal razão apontada pelas Forças Aliadas era o absoluto desprezo pelos direitos humanos, parece-me que a resposta e comportamento daquelas também merece reprovação. Pois assistimos pela televisão à morte de muitos civis, assim como às poucas condições dispensadas para socorrer as vítimas resultantes dos ataques e, lamentavelmente, muito do seu legado histórico, refiram-se os palácios presidenciais, independentemente dos motivos pelos quais foram construídos, foram vandalizados, saqueados pela população, cujo roubo pouco contribuirá para a sua felicidade material, acabando possivelmente muitas das peças abandonadas, vendidas a baixo preço ou até nas mãos de antiquários que pouco ou nada conhecem da história do Iraque. Porém, aquilo que mais me chocou, em termos culturais, nos últimos anos, foi o saque e destruição de um Museu que tem quase um século de existência e albergava peças de valor incalculável para a História da Humanidade, sendo a região em causa o berço da civilização humana, onde os nossos antepassados deram os primeiros passos no caminho do conhecimento na sua acepção mais ampla, quer literária, quer jurídica, para não falar do campo artístico e ...

Pelo facto não basta criar uma legislação que puna os traficantes de peças originárias deste museu mas, antes, consciencializar as novas gerações da importância que representa a preservação do passado humano, sobretudo a sua contextualização histórica. Pois, em nosso entender, cada um dos legados pertence a uma determinada cultura e, portanto, precisa desta para a sua melhor compreensão e valorização. Por exemplo, se é a cultura que distingue os povos entre si – do nascimento ao casamento e à inevitável morte –, o que representaria uma peça única do museu em questão numa coleção particular, europeia ou estado-unidense, rodeada de uma forte componente provinda da cultura ocidental? A mesma interrogação se aplica se alguma destas peças forem parar a um dos museus do mundo ocidental. Por isso é urgente, não só punir, como averiguar as intenções daqueles que tinham a obrigação de guardar todo este património étnico-cultural e não o fizeram. Verificou-se, pois, que a população, local assim como estrangeira, não encontrou qualquer resistência a tais actos. As peças circularam pela cidade aos olhos de todos, umas ficando no país, outras passaram as fronteiras para serem descobertas só no destino.

Será que a preocupação não era apenas a deposição do presidente e do seu partido, mas também o desejo de empobrecer a sua história de tão grande valor, temporal assim como material?

Pois não há manual escolar, enciclopédia ou estudos da especialidade que não tragam reproduzidas imagens pertencentes ao Museu de Bagdade. Em vez de lamentações e acusações ideológicas, religiosas e ..., há que pedir responsabilidades aos intervenientes no processo para sabermos das razões de tais comportamentos e, sobretudo, evitarmos que actos desta natureza se voltem a repetir, independentemente das circunstâncias em que os conflitos possam ocorrer.